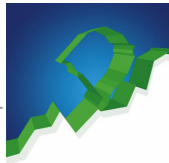




SONDAGEM  
INDUSTRIAL  
RIO GRANDE DO SUL

---





**Junho e II Trimestre de 2011 – [www.fiergs.org.br](http://www.fiergs.org.br)**

## **Atividade industrial mantém sinais de desaquecimento**

A continuidade do processo de valorização cambial e de elevação das taxas de juros, somadas à alta carga tributária e a escassez de mão-de-obra vem promovendo uma deterioração no cenário econômico, com impactos negativos no nível de atividade e na expectativa dos executivos industriais gaúchos.

Os indicadores da Sondagem Industrial e de junho e do segundo trimestre de 2011 deixam evidentes a dura realidade do setor, que voltou a apresentar atividade abaixo do usual, com queda na produção e desaceleração no ritmo de crescimento do emprego. O aumento dos estoques de produtos finais acima do planejado é outro dado sintomático e deve ser um elemento restritivo adicional à retomada da produção no curto prazo.

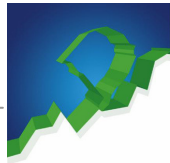
Também confirmando o momento desfavorável, as condições financeiras das empresas continuam se deteriorando, demonstrando que, no presente cenário de competição acirrada, o setor não está conseguindo repassar os aumentos de custos aos preços, tendo que, com isso, reduzir sua margem de lucro.

Apesar desse desempenho pouco animador, os empresários gaúchos continuam otimistas em relação ao segundo semestre. Com exceção das exportações, os mesmos esperam a retomada do crescimento da demanda, do emprego e das compras de matérias-primas. Com base nessa percepção, a indústria deve voltar a crescer, ainda que de maneira gradual.

### **Nível de atividade**

#### **Atividade abaixo do usual no mês de junho**

Em junho, os indicadores de evolução da atividade industrial gaúcha, pesquisados pela Sondagem Industrial, ficaram abaixo da linha divisória dos 50 pontos. O indicador de produção (46,3 pontos) voltou a mostrar queda na comparação com mês de maio. Embora sazonalmente esperada, a redução da produção, entre o quinto e o sexto mês do ano, ficou abaixo do normal na avaliação dos empresários. De fato, o índice de Utilização da capacidade instalada (UCI) em relação ao usual se afastou ainda mais da linha divisória dos 50 pontos, recuando de 49

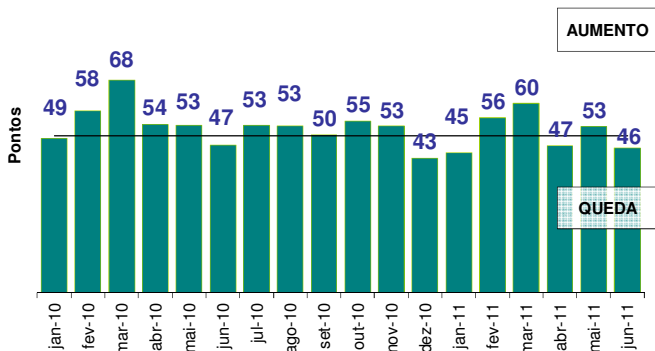


pontos em maio para 47 pontos. O percentual médio de UCI diminuiu quase dois pontos percentuais, de 77,2% para 75,0% no mesmo período.

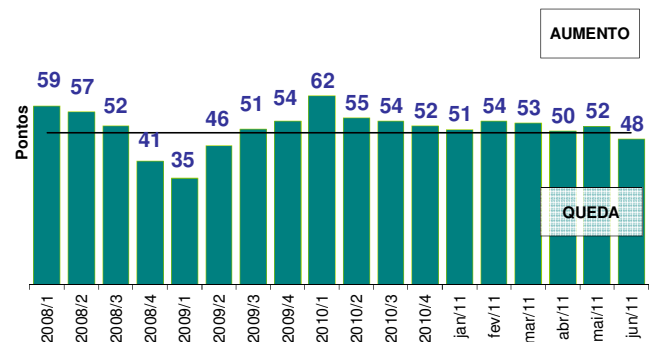
Em resposta a queda da produção, aumentou a proporção de empresas que demitiram em junho (20,8%). Foi a primeira vez no ano que o indicador (48 pontos) ficou abaixo de 50 pontos, o que sugere diminuição no nível de emprego industrial.

Em junho, o desempenho da atividade industrial foi homogêneo quando se desagrega por porte de empresa. Entre as médias empresas, o indicador de produção foi de 50,4 pontos apontando estabilidade em junho em relação a maio. No caso das empresas de pequeno e grande porte, a situação foi menos favorável com o indicador denotando queda: 45,7 pontos e 43,4 pontos, respectivamente. No caso do emprego, o resultado negativo foi influenciado, principalmente, pela redução de postos de trabalho entre as empresas de pequeno porte. Por fim, a atividade esteve abaixo do usual em todos os portes de empresa.

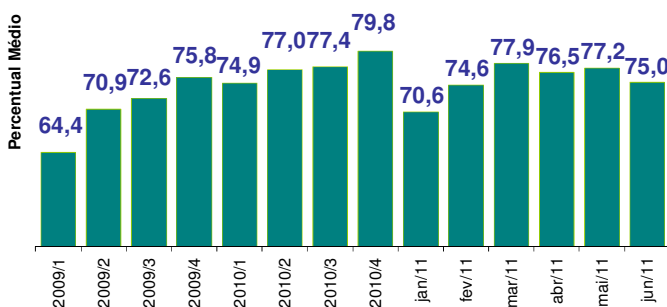
**Volume de produção no mês**



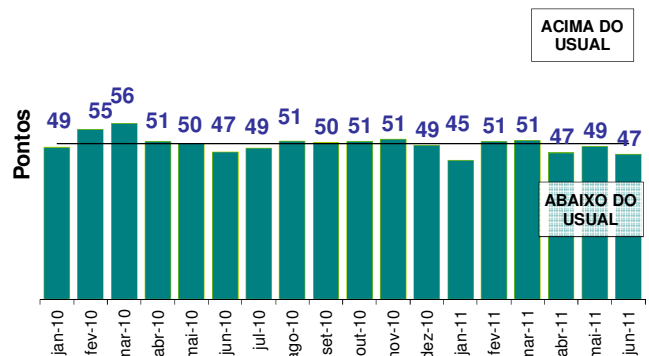
**Volume do emprego no mês**

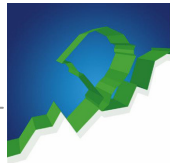


**UCI no trimestre**



**UCI em relação ao usual**





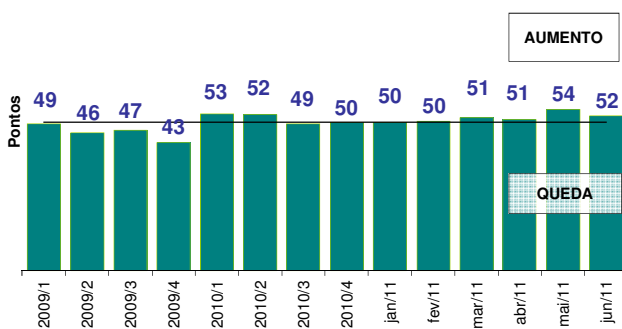
## Estoques

### As empresas não conseguem ajustar estoques, que seguem acima do planejado

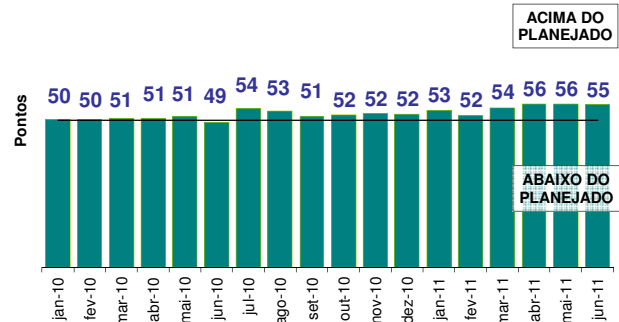
Os estoques de produtos finais na indústria de transformação gaúcha ampliaram-se novamente em junho, embora o ritmo de crescimento tenha diminuído ante o observado em maio. O indicador de evolução situou-se em 52 pontos no mês de junho. O acúmulo de estoques foi maior entre as pequenas e médias empresas (55,2 e 51,9 pontos respectivamente). Entre as grandes, os estoques de produtos finais não se alteraram entre maio e junho.

Evidenciando a frustração com a expectativa de demanda, o acúmulo de estoques referido não foi planejado pelas empresas, conforme evidenciado pelo indicador (55 pontos), cujo valor se mantém há três meses. Assim, um cenário não muito animador é formado para a atividade industrial gaúcha nos próximos meses. Estoques acima do planejado implicam em menor produção. Mesmo com aumento de demanda, esses deverão ser atendidos, em parte, com estoques. O acúmulo de estoques indesejados foi particularmente relevante entre as grandes empresas (59,1 pontos).

Estoques de produto final no mês



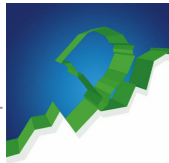
Estoques de produtos finais - Planejado



## Principais problemas no segundo trimestre

### A carga tributária foi o maior problema em 25 dos 28 trimestres pesquisados

No segundo trimestre, compartilhada por 65,9% das empresas, a carga tributária mais uma vez foi o principal problema enfrentado pelas indústrias gaúchas de todos os portes. A carga tributária liderou esse ranking pelo oitavo trimestre seguido e em apenas 3 dos 28 trimestres até aqui analisados, perdeu o posto.



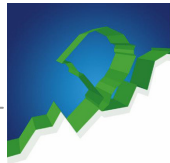
.Da mesma forma, desde o terceiro trimestre de 2009, a competição acirrada de mercado permanece como o segundo maior problema a ser enfrentado pelo setor fabril gaúcho, registrada por 45,1% das empresas. Vale ressaltar, que entre as empresas de grande porte, a competição acirrada foi o terceiro maior obstáculo.

A persistência da valorização do real e a pressão que a mesma exerce sobre a rentabilidade das exportações e a competitividade determinou o aumento de importância relativa e a passagem da taxa de câmbio para a terceira posição entre os maiores problemas da indústria gaúcha no trimestre. O percentual de 32,3% das respostas no geral, aumenta para 47,4% - segundo lugar -, no caso das grandes empresas, uma vez que as exportadoras são, em sua maioria, de grande porte. Pelo mesmo motivo, o item figura apenas em sexto lugar entre as pequenas empresas.

Problema relacionado ao aquecimento econômico, a falta de trabalhador qualificado perdeu importância relativamente ao primeiro trimestre, mas não deixou de figurar entre os principais obstáculos à produção, com 27,4% das respostas. Embora seja um problema relevante para todos os portes de empresa, a falta de mão-de-obra qualifica é mais intensa entre as médias empresas (30,6%).

Num cenário de aperto monetário, a taxa de juros ganha importância – 25,6% - e assume a quinta posição entre no ranking dos problemas enfrentados pela indústria gaúcha no segundo trimestre. Chama atenção que a taxa de juros é o terceiro maior problema enfrentado pelas pequenas empresas (31,3%).

Por fim, vale destacar o aumento no percentual de assinalações, em relação ao primeiro trimestre, da falta de demanda (19,3% para 25,6% no geral), movimento observado em todos os portes de empresas.

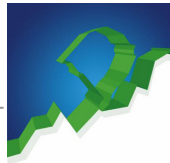
**Principais problemas enfrentados no trimestre**

	Total	Porte		
		Pequeno	Médio	Grande
Elevada carga tributária	65,9%	67,2%	61,3%	71,1%
Competição acirrada de mercado	45,1%	45,3%	48,4%	39,5%
Taxa de câmbio	32,3%	20,3%	35,5%	47,4%
Falta de trabalhador qualificado	27,4%	26,6%	30,6%	23,7%
Taxas de juros elevadas	25,6%	31,3%	21,0%	23,7%
Falta de demanda	25,6%	26,6%	25,8%	23,7%
Alto custo da matéria-prima	22,6%	18,8%	24,2%	26,3%
Falta de capital de giro	16,5%	18,8%	12,9%	18,4%
Inadimplência dos clientes	9,8%	14,1%	9,7%	2,6%
Falta de financiamento de longo prazo	6,7%	7,8%	6,5%	5,3%
Capacidade produtiva	5,5%	4,7%	6,5%	5,3%
Outros	5,3%	5,6%	5,4%	4,5%
Falta de matéria-prima	4,3%	6,3%	3,2%	2,6%
Distribuição do produto	3,0%	4,7%	1,6%	2,6%

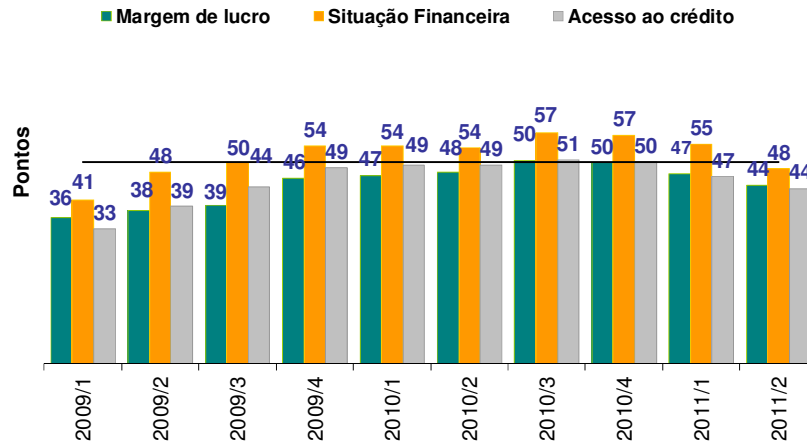
**Situação financeira no trimestre****A insatisfação com as margens de lucro aumenta**

No que se refere às condições financeiras, o segundo trimestre de 2011 difere do primeiro apenas na intensidade: aumentou a parcela das empresas insatisfeitas com suas margens de lucros e situação financeira. O indicador de condições de acesso ao crédito exibe a mesma dinâmica, ou seja, o agravamento de um cenário anterior já pouco favorável. Destaca-se que a insatisfação com as margens de lucro, com a situação financeira e a grande dificuldade de acesso ao crédito se verifica na totalidade dos portes de empresas pesquisados. Em linhas gerais, os resultados desse grupo de indicadores foram os piores observados desde 2009.

O indicador que afere o grau de satisfação dos empresários com sua margem de lucro alcançou 44,4 pontos ante os 47,1 observados no primeiro trimestre, reflexo do alto percentual de empresas (33,6%) que consideraram suas margens ruins. O mesmo correu com a situação financeira, cujo indicador foi de 48 pontos (36,0% a considerou ruim e 19,0%, boa), uma redução de 7 pontos em relação ao valor do trimestre anterior e pela primeira vez abaixo da linha divisória dos 50 pontos desde o segundo trimestre de 2009. Por fim, o indicador sobre as condições de acesso ao crédito alcançou o menor valor (44 pontos) desde o terceiro trimestre de 2009, sinalizando grande dificuldade de acesso ao crédito.



## Situação financeira no trimestre



## Expectativas para os próximos seis meses

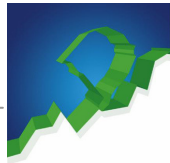
### Os empresários, a despeito do cenário desfavorável, não perdem o otimismo

O fraco desempenho da atividade industrial em junho pouco atingiu a confiança do empresário para os próximos meses, que melhoraram em relação a maio, mas seguiram moderadas.

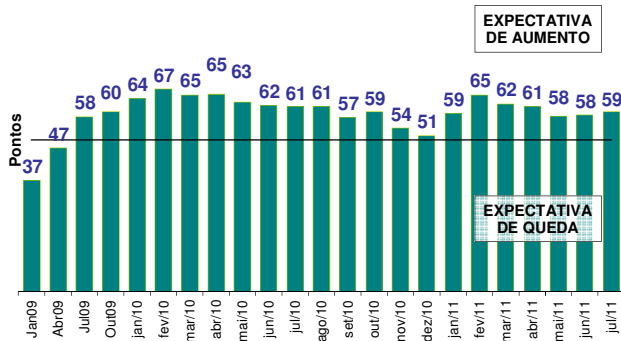
Os empresários esperam uma expansão moderada da demanda por seus produtos e pouco mais intensa do que era esperado em junho. De fato, o índice de julho manteve-se muito próximo na comparação com o mês anterior (59,3 pontos, ante 58,4 pontos,) e acima da linha divisória entre perspectivas de aumento e de queda. Essa avaliação otimista é compartilhada por todos os portes da indústria, porém é bem menos disseminada entre os pequenos empresários (54,8 pontos)

Mantém-se o papel preponderante do mercado interno na formação dessa expectativa, uma vez que os empresários seguem prevendo redução das exportações nos próximos seis meses – indicador registrando 45 pontos, o mais baixo do ano -. Tal resultado reflete a demanda internacional e a valorização cambial que vêm dificultando o desempenho das vendas externas da indústria.

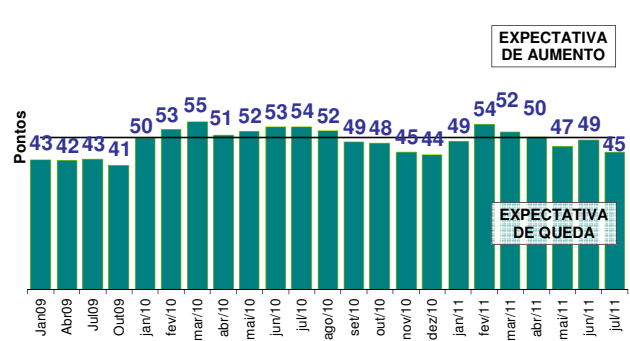




### Expectativas de demanda

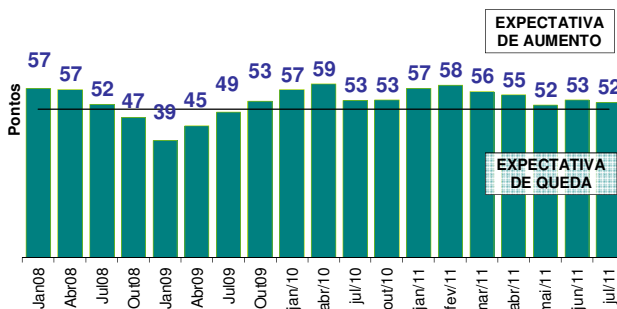


### Expectativa de quantidade exportada

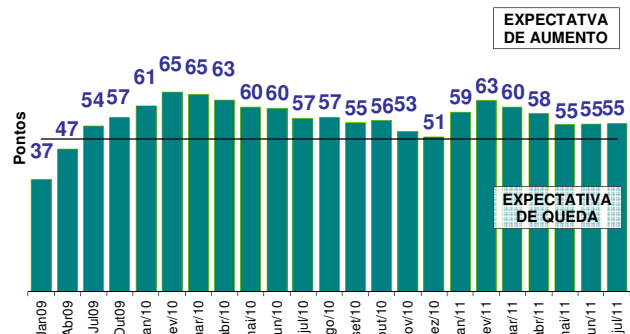


O indicador referente às expectativas de compras de matérias-primas manteve-se em 55 pontos pelo terceiro mês seguido, demonstrando que as mesmas, consistentemente com a evolução da demanda esperada, devem crescer nos próximos seis meses. Na mesma linha, as expectativas com relação ao emprego indicou a continuidade da geração de vagas no setor industrial. Em ambos os casos, as expectativas, positivas em todos os porte, são mais otimistas entre as grande empresas.

### Expectativas de emprego



### Expectativa de compra de matéria-prima



Perfil da amostra: 164 empresas sendo 64 pequenas, 62 médias e 38 grandes.  
Período de coleta: De 01 a 18 de julho de 2011.





---

## NOTA

A Sondagem industrial é elaborada pela unidade de Política Econômica da CNI em conjunto com as Federações de Indústria de 23 estados do Brasil (no caso do RS – Unidade de Estudos Econômicos - FIERGS), embora sejam consultadas empresas de todo o território nacional. As informações solicitadas são de natureza qualitativa e resultam do levantamento direto com base em questionário próprio. Cada pergunta permite cinco alternativas excludentes a respeito da evolução ou expectativa de evolução da variável em questão. As alternativas estão associadas, da pior para a melhor, aos escores 0, 25, 50, 75 e 100. As perguntas relativas ao nível de atividade, aos estoques e à situação financeira têm como referência o trimestre anterior. As questões de expectativas referem-se aos próximos seis meses. O indicador de cada questão é obtido ponderando-se os escores pelas respectivas freqüências relativas das respostas. Os resultados gerais para cada uma das perguntas são obtidos mediante a ponderação dos indicadores dos grupos de empresas “Pequenas” (entre 20 a 99 empregados), “Médias” (entre 100 e 499 empregados) e “Grandes” (500 empregados ou mais) utilizando-se como peso a variável “Pessoal Ocupado em 31/12/2004”, segundo a CEE/MTE.